



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

DAYANE FÁTIMA DA ROCHA

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Entrevistada: Dayane Fátima da Rocha

Local da entrevista: Curitiba

Entrevistadora: Maria Thereza Oliveira Souza

Data da entrevista: 08/06/2016

Processamento da entrevista: Maria Thereza Oliveira Souza

Páginas Digitadas: 23

Número da entrevista: E-770

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Maria Thereza Oliveira Souza intitulada “*Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar*” - *atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná em fevereiro de 2017.

Cedida para publicação no Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte em maio de 2017.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Apresentação; Trajetória no futebol; Apoio dos pais; Oportunidades para as meninas no futebol; Participação nas Olimpíadas; Seleção permanente; Jogos Mundiais Universitários (Universidade); Remuneração; Momento de maior sucesso da carreira; Empresário; Relação com a Confederação Brasileira de Futebol; Comissão técnica composta por homens; Aparência das jogadoras; Motivações, Sequência do futebol feminino no Brasil.

Maria Thereza Souza: Olá Dayane, gostaria que primeiramente você fizesse uma breve apresentação. Seu nome, sua idade, cidade de origem...

Dayane Rocha: Bom, eu me chamo Dayane Fatima da Rocha, tenho 29 anos, sou natural de Curitiba, tenho um irmão, não moro mais com os pais, porém meus pais ainda são vivos. Já sou graduada em Educação Física, licenciatura, e estou fazendo agora o bacharel, também em Educação Física, estudo na Universidade Tecnológica. Sou professora no período da manhã pelo estado e a tarde em uma escola particular.

Maria Thereza Souza: Primeiramente, gostaria que você falasse um pouco sobre o papel que o futebol teve na sua infância.

Dayane Rocha: Eu na verdade fui, podemos dizer assim, uma atleta formada pelos meus pais. Aos seis anos de idade eu quebrava tudo dentro da minha casa, porque minha paixão sempre foi o futebol, sempre foi a bola e os meus pais não me apoiavam. Eles não queriam me dar bola, então eu fazia minhas próprias bolas. Cortava cabeça da minha boneca, cortava os cabelos pra fazer de bola, e com isso lutei contra os meus pais até um tempo. Com sete anos de idade meu pai decidiu me colocar em uma escolinha de futebol. Eu era a única menina no meio dos meninos, sofri um pouco com isso no começo, porque pense, eu sou de 85, então era bem o tempo em que o futebol feminino era muito discriminado e sendo a única menina no meio dos meninos e podendo jogar uma categoria abaixo, eu era sempre acima deles e em função disso eu sofri muita discriminação, porque os pais vinham de fora e falavam assim: “ah como que uma menina joga no meio dos meninos e ainda é a camisa 10 do time?”. Isso foi um dos pontos negativos que eu tive no começo da minha carreira, mas meus pais a partir disso decidiram me apoiar, então eu fiquei dos sete aos quatorze anos na escolinha. Com quinze anos eu fiz um teste pra entrar num clube, o antigo União Aú, que o presidente quando veio a falecer e o clube acabou, então eu fiquei dos 15 aos 16 anos lá. Após isso foi formado o Novo Mundo, aonde meu pai era o treinador e com dezesseis anos eu já comecei a despontar na carreira como jogadora. Teve uma seletiva aqui no Couto Pereira para a seleção brasileira e eu fui uma das atletas escolhidas. Então com dezesseis anos, eu já estava na seleção adulta, como uma das grandes promessas,

ganhando já experiência pra poder descer para uma seleção sub17, sub20. Depois disso, quando eu fiz 18 anos eu assinei meu primeiro contrato fora, fui jogar no Lyon da França, aonde tive várias experiências, tanto negativas como positivas, claro, experiência positiva de morar fora, conhecer outro país, porém os pontos negativos foram que eu nunca tinha enfrentado um frio daquele, cheguei em Lyon estava fazendo -10 aquele dia, uma neve e um monte de gente falando uma língua que eu não conhecia, não sabia nem falar a segunda língua, que era o espanhol, não sabia cozinhar, não sabia passar, era o primeiro ano que eu estava vivendo sem meu pai, sem minha mãe, então pra mim foi uma experiência assim que eu falei: “Meu Deus, como que eu vou sobreviver um ano assim?” Mas assim quando a água bate né, que a gente fala, acabamos aprendendo e tem que viver. Fui matriculada em uma Universidade para aprender o francês, até hoje não falo, mas entendo bastante. Quando meu contrato acabou, eu fiz uma temporada horrível, tive problemas de peso, engordei, não consegui render, então o clube acabou decidindo não renovar o contrato comigo. Acabei voltando para o Brasil, fiquei mais um ano aqui, jogando pela seleção, disputei sul-americano, disputei mundial e fui acumulando convocações até que fui jogar um dia um mundial sub20 e uma mulher que trabalhava na FIFA me viu jogando e perguntou se eu não queria jogar na Espanha, tinha um clube precisando de uma atacante e eu tinha todas as características que o clube buscava. Aceitei o convite dela, voltei para o Brasil, me mandaram contrato, tirei visto e fui jogar na Espanha. Já estava um pouco mais velha, com uns vinte anos, já estava mais amadurecida com a vida, com a língua, com tudo e consegui realmente jogar, podemos dizer assim, um primeiro ano bem fora do Brasil. Fui vice artilheira do Campeonato Espanhol, fiz um ótimo campeonato, despontei, jogava por um clube chamado Sporting Uelva...e depois disso eu me transferi dentro da Espanha mesmo para um outro time, chamado de La Calçada, um país que ficava no litoral...fiz uma outra temporada excepcional, só que eu sempre tive um problema lá pelo fato de ser estrangeira. Quando você é estrangeira lá fora você ocupa um espaço que todo mundo quer. Naquela época o futebol feminino só permitia uma estrangeira, então essa uma estrangeira era muito visada. Ou você matava o campeonato inteiro e continuava naquela vaga ou vinha alguém ali e te matava, ficando com a sua vaga. E com isso eu decidi que ia tirar minha cidadania italiana. Porque eu tinha um bisavô italiano, então, porque não correr atrás da documentação e fazer? Na época eu voltei para o Brasil depois de dois anos jogando na Espanha, e nesse meio tempo sempre tentando estudar, nunca abandonei os

estudos, levei dez anos pra me formar, mas me formei. Eu lembro que na época minha família estava passando por dificuldades financeiras e meu pai, não sei de onde, me deu dinheiro, e falou: filha, se é o teu sonho, vai correr atrás do papeis e vai em busca do que você quer. Consegui reunir 11 das doze certidões que eu precisava, sem empresário, sem nada. Me enfiava na frente do computador e enviava e-mail para uns times. Em um desses times que eu mandei e-mail a resposta voltou em português, de um preparador físico de um time suíço. Eu peguei todos os times, então uns faziam fronteira né, assim, esse time que achei que era italiano na verdade era suíço. Esse rapaz me ajudou e falou que eu estava enviando meu currículo para os lugares errados, porque pelo que ele via meu currículo era para times de série A e qualquer clube italiano me daria uma mão para tirar a cidadania italiana. Ele inclusive me ofereceu ajuda para quando eu chegasse lá, caso precisasse. Eu embarquei para a Itália, já tinha 25 para 26 anos, menos, 23. E consegui um contrato de um ano com um time que estava jogando UEFA, Champions League. Cheguei na cidade achando que ia encontrar um time fenomenal, na verdade não, foi bem ao contrário. Um time com restrições de atletas, de qualidade baixa, mas foi o clube que me abriu as portas, nos primeiros seis meses não consegui jogar porque eu não achava a certidão de nascimento do meu bisavô, pois é uma coisa muito difícil, dentro da Itália, de ser feita. Depois consegui achar, virei cidadã italiana dentro de 15 ou 20 dias e comecei a jogar dentro da Itália, fiquei sete anos jogando lá. Foi um lugar pelo qual eu me apaixonei, para onde eu tenho planos de voltar, pelo qual eu até hoje sou apaixonada. Foi o clube onde eu joguei UEFA, joguei campeonato italiano, liga italiana, que foram campeonatos que marcaram muito a minha vida como atleta. Nunca deixei de servir a seleção brasileira nesse meio tempo, por mais que eu não tivesse o apoio da CBF, pois a entidade só disponibiliza passagens para as atletas em data FIFA, ou seja, se você for convocada para treinamentos, mas não é uma data FIFA, ou você paga [as passagens] ou você não é convocada. Na época eu estava bem dentro do clube, tinha o salário em dia e optei por fazer esse gasto. Fiquei sete meses me deslocando entre Verona e Rio de Janeiro. Pouco antes de eu viajar para o sul-americano, lesionei o ligamento colateral do joelho. Na época o Haiti tinha sofrido um terremoto e estava se reestruturando, e o Brasil achou por bem ajudá-los por meio do esporte. Então a seleção haitiana foi fazer amistosos com o sub15, sub17, sub20 e no adulto e nesse amistoso do adulto, já estava aos 40 minutos do segundo tempo quando eu fui fazer um cruzamento e uma atleta haitiana veio com um carrinho e eu

acabei rompendo o colateral. Foi uma lesão que me deixou muito pra baixo porque eu perdi meu contrato no clube por causa disso, claro, você volta da seleção machucada, não é fácil para ninguém manter uma atleta assim. Voltei para o Brasil e me curei, depois de curada voltei ao clube, claro tem seus ônus e bônus, voltar ganhando menos para provar que eu ainda estava inteira e era aquela atleta apaixonada pelo clube. Após sete anos, comecei a ter meus desgastes com o clube, porque, é uma empresa, hoje, se joga futebol ai fora e você é uma funcionária da empresa e isso te traz um desgaste como em qualquer empresa normal, os salários atrasam, funcionários novos que chegam e você não gosta, você é jogada pra escanteio porque chegou uma lá e chutou uma bola e acertou. Então assim, devido a esses desgastes, já fazia sete anos que eu estava sozinha, tentei levar meu irmão pra ver se eu dava uma animada na minha vida e ficar mais um tempo, mas não consegui. Quando encerrou meu contrato, eu sentei com o clube e decidi por voltar. Eu já estava bem abalada psicologicamente, pelo fato de estar muito tempo fora, longe da família, dos amigos, sem contato com pai e mãe. Voltei para o Brasil e decidi estudar, fiquei quase cinco meses sem querer ver a cor da bola, estudava de manhã e a noite e foi onde eu comecei a me recuperar. Optei por voltar a jogar, infelizmente aqui em Curitiba o futebol feminino não tem apoio, os clubes não conseguem se manter, então assim, não digo que encerrei minha carreira no futebol, mas enquanto eu não tiver um clube decente que não me der o mínimo, o básico que eu preciso, eu não vou jogar futebol de campo mais, seja aqui em Curitiba, já tive oferta pra ir pra São Paulo, pro Rio, pra Vitória, mas eu jamais vou largar o conforto da minha casa pra ir jogar ou morar em uma cidade aqui dentro do Brasil aonde eu passe dificuldades, apertos. Decidi que aqui em Curitiba eu ia jogar só futsal, hoje eu sou atleta da cidade de Colombo, a gente disputa paranaense, metropolitano quando tem, porque também é uma dificuldade manter um time de futsal feminino aqui dentro. Porque não temos apoio nesse esporte, então é basicamente isso a minha história, a minha vida como jogadora. Eu sou uma pessoa que acordo 6:30 da manhã pra trabalhar, trabalho até meio dia, segunda e quarta vou estudar, terça quinta e sexta dou aula e a noite tem que ser atleta. Treino três vezes na semana na quadra, quando não estou na quadra, tento fazer academia. É desgastante? É, porque algumas vezes eu chego cansada para trabalhar ou eu chego cansada pra treinar. É sempre essa a realidade, porque um dos dois te leva ao completo desgaste mental ou físico. Mas não desisto porque é um esporte que me abriu muitas portas, eu fiz três anos da minha faculdade com bolsa de 100% -

Faculdade Dom Bosco, participava do projeto “Dom Olímpico”, que era um projeto muito audacioso, legal de participar porque você tinha metas para bater. Quanto mais você ganhava porcentagens nas bolsas mais metas você queria bater e a meta principal era o escudo da seleção, se você tinha o escudo da seleção então você tinha 100% e estudava e conseguia ir fazendo um futuro dentro da faculdade. O fato de eu ter disputado uma Olimpíada com 18 também, era muito nova, muito jovem, não aproveitei muito pelo fato de não ter cabeça. Disputei também depois dois mundiais, três mundiais universitários e é aquilo que falamos né, o masculino está sentindo o peso só agora, mas no feminino a gente já sente isso ó [gestos estalando os dedos, dando a entender que é há muito tempo] e a falta de atualização não é só do masculino, o feminino já teve isso no passado, mas ninguém declarou guerra como declararam no masculino agora. Mas o futebol feminino é isso, apaixonante pra quem pratica e loucura pra quem vê de fora. Quem vê de fora não entente porque que a gente joga, tira do bolso e paga algumas vezes pra jogar, mas a gente que joga sabe o quanto é um esporte apaixonante.

Maria Thereza Souza: Você falou que você começou sua prática em um clube que só haviam meninos treinando, em algum momento você foi afetada por esse tipo de comentário que você ouvia, você se incomodou com isso?

Dayane Rocha: Nessa época eu tinha sete anos, estamos falando de 1992 por ai, era uma época em que o futebol feminino tinha muito preconceito, mas muito mesmo. Lembro assim até hoje que muitas vezes meu pai saiu na porrada com outros pais porque eles falavam: “é, menina tem que estar ajudando a mãe lavar louça, única coisa que sabe fazer é crochê”. Foi uma época em que eu sofri preconceito, e isso afetou a minha família muitas vezes. Por muitas vezes minha mãe falou que eu não iria jogar mais futebol e meu pai defendia que eu iria jogar sim, dizendo que enquanto ele pudesse lutar junto comigo eu iria jogar. Minha mãe sempre foi o lado mais fraco, porque emocionalmente, aquilo chocava ela, e meu pai era o elo mais forte comigo. Pra se ter noção, quando eu fiz dezessete anos meu pai era meu treinador, pois já havia criado um elo muito grande com o futebol feminino, se identificou e brigou pela causa, muitas vezes até tirando do bolso. Mas isso nunca me fez desistir, até na Itália eu sofri preconceito pelo fato de ser estrangeira. O fato de você ser estrangeira e estar ali no meio fazendo gols gera desconfiança a todo o

momento. Desconfiavam de doping e eu falava que poderia fazer qualquer exame e que infelizmente, cresci no país do futebol, tenho no sangue e sou assim [risos]. O preconceito existe em todo lugar, algumas vezes no meio do jogo você é discriminada por ser estrangeira. Apesar disso, eu nunca quis desisti, sendo que se dependesse da minha mãe eu teria parado no esporte, por causa da discriminação.

Maria Thereza Souza: Você acha que mudaram as oportunidades para meninas jogarem futebol no Brasil da época que você iniciou pra agora?

Dayane Rocha: Ah mudou bastante. Na época que eu comecei existia uma seleção sub20 só e a adulta. Existia seletiva uma vez ao ano e olha lá. Era uma seletiva no Rio de Janeiro, por exemplo, e ia todo mundo naquele dia para o Rio de Janeiro. Você tinha 40 minutos pra mostrar que você sabia fazer alguma coisa. E hoje em dia não, hoje em dia é diferente. A gente tem um programa aí, o “Pia bom de bola”, é chamado “Pia bom de bola”, mas as meninas também jogam. E assim, é uma grande vitrine para os clubes hoje em dia. Tem clubes que vem ver esse tipo de campeonato pra poder recrutar meninas de 15, 16 anos. Hoje em dia aqui em Curitiba já existem escolinhas só para o público feminino. O Sandro lá do Cancún que faz esse trabalho de base, campeão paranaense sub 15, chega no brasileiro sub15, faz um trabalho legal no 17, faz no 20. O pessoal de Colombo, onde eu jogo, também faz trabalho no 15, no 17. Hoje em dia tem meninas que ganham bolsas de estudo pra fazer Ensino Médio, Ensino Fundamental, e bolsas de 100%, estamos falando de escolas como OPET, Medianeira, que hoje estão investindo em um esporte que antes era difícil alguém colocar 1 real. Nós já temos faculdade que hoje, querendo ou não, investem no esporte, seja através de projetos, com recursos do governo, do estado. Seja através de programas como a Faculdade Dom Bosco criou, o “Dom Olímpico”. Então assim, hoje em dia está mais fácil jogar futebol, hoje nós temos clube, cito como exemplos São Paulo e Santa Catarina, que investem nisso, tem a casa do atleta, que é só do futebol feminino. É diferente, é uma coisa diferente, não é o clube que tem o masculino e tem que montar o feminino de qualquer jeito, não, são pessoas que em algum momento viram a dificuldade do futebol feminino, abraçaram a causa e montaram esses times. E até a questão contratual né, hoje a atleta de futebol feminino que vai jogar em São Paulo ou Rio de Janeiro tem contrato. Não sei se vocês sabem, mas por exemplo, no Rio de

Janeiro existe o time do CEP, que é da Petrobras, as meninas todas tem carteira registrada, como se trabalhassem realmente na Petrobras. Pra que o projeto possa andar de uma maneira que dê um respaldo, tanto pro treinador saber que não vai perder uma atleta e uma atleta sabendo que se se lesionar, pelo menos pelo INSS ela consegue se encostar e não fica jogada em qualquer canto. Essa é uma grande dificuldade que a gente tem no futebol feminino né, a lesão e você ser descartada após acabar o seu contrato.

Maria Thereza Souza: Você pode falar um pouco mais sobre sua experiência nos Jogos Olímpicos de Atenas?

Dayane Rocha: Eu disputei essa Olimpíadas em 2004, na verdade minha história é um pouco engraçada sobre isso [risos]. Eu tinha 18 anos na época, então assim, eu treinei 12 meses com a seleção adulta, nós éramos em 6 meninas de 18 anos. Nós treinávamos com elas pra ganhar experiência e ir pra uma sub20 mais madura. E perto de sair os cortes de 2004 foi feita uma reunião e antes de entrar nessa reunião me chamaram num quarto e falaram assim: você é uma menina que tem muito potencial pra ir, mas a gente vai levar nossa amiga aqui, porque ela já está numa idade mais avançada e é a última Olimpíada dela, mas era pra você estar indo tá? Bom, dentro de uma CBF que eu que vou falar né, balancei a cabeça e falei: “tudo bem, você já está me cortando então?” “Não não, só pra você saber, você vai ser uma das cortadas, mas não é pelo nível técnico, mas sim porque a gente quer levar ela, já que é a última Olimpíada dela e ela vai encerrar a carreira”. Já fui pra reunião sabendo que ia ser cortada, aí fui cortada e voltei pra Curitiba, continuei estudando e eu lembro que naquela época eu estava na fase final da faculdade, eu tinha umas 4 ou 5 provas pra fazer. E num dia o professor falou assim: “vocês se incomodam se eu deixar a Tv ligada aqui só passando as imagens?” Naquela época a Faculdade Dom Bosco já tinha uma TV em cada sala. Eu tinha cinco provas pra fazer no dia, uma em cima da outra. Falei: “ah professor, por mim pode deixar”, era eu e mais uns três alunos dentro da sala. E começou Brasil e México no futebol feminino, e eu nem aí, continuei fazendo minha prova. E entrou uma menina, que era sub18 que ficou na listagem e foi. Ela entrou pra jogar, tomou um tranco de uma mexicana, caiu e quebrou a clavícula. Só que assim, eu estava fazendo a prova, não tinha som [TV], então não sabia o que estava acontecendo. Fui pra casa, cheguei em casa e meu pai comentou: “uma das tuas amigas quebrou a clavícula

e a CBF ligou pra você”, e eu falei: não, que eu tenho a ver que a menina quebrou a clavícula? Meu pai falou: é pra você retornar pra esse número aqui que eles querem falar com você. Aí eu liguei e era o diretor da parte feminina, que falou assim pra mim: Faça tuas malas que você vai embarcar pra Atenas, a Kelly quebrou a clavícula e quando é constatada fratura a atleta não pode mais ficar lá dentro da Vila Olímpica. Então você faça suas malas, estou emitindo tua passagem de hoje à noite, você vai parar aqui no Rio de Janeiro, vai pegar todo teu material e vai seguir viagem pra Atenas. Uma menina de 18 anos né, super inocente, falei: nossa, que legal, mas eu não sabia pra onde eu estava indo, não sabia o peso do que eu estava carregando, não sabia o que significava aquilo pra mim, naquele momento. Naquele momento o que passou pela minha cabeça foi: “ah, mais uma viagem que eu tô indo fazer”. Arrumei minha mala, embarquei para o Rio de Janeiro, fiz todos os exames que tinha que fazer e aí cheguei em Atenas e fui esquecida no aeroporto. De novo né, uma menina que não falava inglês, só falava português. Mas eu estava uniformizada e aquele aeroporto enchia e esvaziava, enchia e esvaziava e eu lá sentada. Até que apareceu uma viva alma falando um pouco de português e falou assim: vou te colocar dentro de um ônibus, quando você chegar lá na Vila Olímpica você vai escolher um botão, vai pedir pra falar em português e vai vir alguém falar em português com você. Fui pra Vila Olímpica, cheguei lá e naquela época era uma briga, porque a Nike era patrocinadora oficial da seleção e lá dentro da Vila Olímpica só podia usar Olimpikus. Então assim, era muito difícil, porque daí eu chegava na Vila Olímpica, tinha que entrar no banheiro e trocar de roupa pra poder entrar pra dentro, só que tudo isso eu não sabia...me deixaram perdida no aeroporto [inconformada]. Quando cheguei, entendi o que tinha acontecido, um contratempo entre eles, informações que não bateram, que não chegaram. Só que a seleção brasileira já não estava mais ali dentro da Vila Olímpica, eles já estavam numa outra cidade que ficava há três horas dali. Então embarquei com um grego que me ajudava ali dentro, cheguei lá na seleção, existem coisas internas nossas que acho que muita gente não entende, não sabe o que acontece. Mas, quando eu cheguei lá eu fui rejeitada pelo grupo, porque assim, quando você faz a listagem de 18 atletas, você deixa seis na fila de espera, por essa história de contusão, isso e aquilo. Só que se você puxar a listagem do time de 2004, já era um time muito velho, já era um time assim que, muito velho...não tem como chamar de muito velho, mas ele já era um time que tinha uma idade mais avançada, claro, rendia ainda, dava seus frutos, suas medalhas, mas era um time que

já tinha uma idade mais avançada. E nessa relação eu acabei tirando uma dessas que já tinha idade mais avançada, então quando eu cheguei lá, o grupo queria que levasse essa que tinha idade mais avançada e não eu, só que o treinador tentou explicar pra elas que era eu que estava na lista e não ela. Mas assim, cheguei lá, fui rejeitada pelo grupo, fiquei no quarto da capitã, passei poucas e boas na mão dela, mas assim, são histórias que só a gente que realmente viveu lá dentro sabe né. E, estar nas Olimpíadas, falo que é um sonho assim, porque, eu até um dia antes tava vendo, eu lembro até hoje que quando eu entrei pra jantar eu dei de cara com aquele chinês do basquete e falei: “meu Deus, olha, o cara tá aqui meu, o cara tá aqui na minha frente”, falei: “nossa, vou pedir pra tirar uma foto com ele”, veio o assessor me cutucou e falou: “aqui você tem que se portar como atleta, aqui você é atleta”. E fui entrar no prédio... As meninas da ginástica da seleção e os judocas descendo, falei: “meu Deus, aonde que eu estou?” Então assim, caiu a minha ficha quando eu comecei a encontrar essas pessoas e ver aonde eu estava, aonde a gente passava assim com o ônibus e os argentinos estavam saindo para jogar, e o Messi, não tinha nem barba ainda, não tinha nada, e o cara estava lá. Então assim são histórias e fatos que na minha vida assim, nossa, se fosse para montar um livro hoje eu acho que essa parte aí de 2004 dentro das Olimpíadas, me daria um bom capítulo! Mas uma vez sofri né, por não falar inglês, mas foi uma experiência gostosa. Um pecado que a gente acabou perdendo de 2 a 1 a final porque foi uma seleção que se doou, a nossa de 2004 foi uma seleção que se doou, aprendeu a trabalhar com o René Simões de uma forma diferente. Ele trouxe um novo método de trabalho para nós e a gente acatou sem resmungar, sem falar nem A, nem B, nem C; Claro, algumas coisas fugiam da mão dele, mas o que ele fez com nós, algum outro treinador já poderia ter feito, só que como nunca ninguém está nem aí para seleção brasileira feminina, isso sempre era deixado de lado. Por exemplo assim, hoje você vê, um treinador da seleção brasileira sai, quem que está assumindo a seleção brasileira de futebol feminino, um cara que está sempre vindo do masculino, por quê? É um cara que está achando um mercado de trabalho para ele entrar, antes não estavam nem aí, antes colocavam qualquer um lá, colocavam, tinha um que era um roupeiro lá. “Ah você sabe aí, vai, toca você aí então”, e hoje já mudou [pausa] a visão deles em relação ao futebol feminino. Hoje temos a seleção permanente de futebol, tem hoje atletas lá que ganham 5, 6 mil por mês, para poder ficar em função só da seleção. Uma coisa que esse novo treinador implantou agora, então acredito que o Brasil demorou para evoluir um pouco no futebol feminino, mas

engatinhando ele ainda está evoluindo. E, é o que eu sempre digo, se eu tivesse a oportunidade de disputar uma outra Olimpíada eu disputaria com todo o prazer do mundo, defenderia meu país de novo. Eu acho que não só essa Olimpíada de 2004 foi um marco na minha vida, mas como eu te falei os três mundiais universitários que eu disputei também com a seleção. Acho que quando envolve o país, envolve, até mesmo, o teu estado, você começa a tratar o campeonato e muda tua visão em relação ao esporte.

Maria Thereza Souza: Com relação a seleção permanente, como você enxerga essa metodologia de trabalho?

Dayane Rocha: Olha, para seleção é ótimo, porque você tem aí vamos dizer 25 ou 30 meninas a tua disposição a hora que você quiser, quando você quiser, mas para você que é dona de um clube, você acaba perdendo duas ou três peças importantes durante um ano e você não consegue repor essas peças. Porque no futebol feminino não é igual no masculino que você tem todo ano peças diferentes entrando no mercado, o feminino é um processo mais lento, é a cada cinco ou seis anos que aparece uma nova menina. E assim, o que que a gente tem de espelho hoje? A Marta. A Marta já está aí fazendo quase seus 30 anos também, me diga, você já conseguiu ver uma segunda Marta no mercado? Alguém que empolgue, que faça a gente ficar deslumbrado igual a gente fica quando vê ela jogar? [sinal de dúvida indicando negação]. Até agora é um ponto de interrogação pra gente. Então veja, ela já tem trinta, será que vai surgir uma nova Marta? Ou será que são aqueles talentos de novo que só vão até um pedaço e param, se machucam [sinal de incerteza com a cabeça]. Para a seleção, pra CBF em si, é um bom negócio da seleção permanente. Claro, existem os investimentos que saem dos patrocinadores e tudo, mas acho que o clube deixa um pouco a perder quando não tem essas peças importantes.

Maria Thereza Souza: Com relação a sua experiência nos três mundiais universitários, elas foram muito diferentes das que você teve nas Olimpíadas?

Dayane Rocha: Nas Olimpíadas de 2004 fui para compor o grupo, então, não acabei entrando em campo e foi diferente com os mundiais universitários aonde eu era a referência do meu grupo. No primeiro mundial eu fui artilheira e melhor jogadora da

competição e a gente foi medalha de ouro. No segundo, eu fui artilheira só que a gente ficou com o terceiro lugar porque as seleções acabaram vendo com outros olhos o mundial e acabaram se reforçando e o Brasil como sempre ficou na mesma linha. No último mundial que eu disputei, foi na Sérvia, a gente não chegou nem medalhar, não chegamos nem perto do pódio eu não cheguei nem fazer metade dos gols que eu fiz nos outros dois. Mas por quê? Porque as outras seleções viram um ponto positivo e melhoraram suas seleções para irem jogar o mundial universitário e o Brasil, mais uma vez, ficou na mesma linha. Então para mim as três olimpíadas universitárias que eu disputei teve mais peso do que a de 2004.

Maria Thereza Souza: Com relação a sua remuneração durante a sua vida, você conseguiu viver o período em que estava jogando profissionalmente só com os ganhos do futebol?

Dayane Rocha: Quando eu fiz 18 anos que eu fui para fora [do país], – até os 18 anos eu não vivia do futebol, não tinha renda propriamente dita – que eu fui para o Lyon da França eu tinha um salário astronômico, eu não sabia nem o que fazer com o dinheiro, eu dava para os meus pais e eles foram mantendo a base. Mas aqui dentro [no Brasil], como que a gente sobrevivia? Porque todo mês a gente era chamada para a seleção então você ganhava uma diária, na época uma diarista ganhava mais que a gente. A gente tinha uma diária de 45 reais, você faça isso ficar 10 dias, 450, desconta INSS, desconta isso, desconta aquilo, você vem para casa com 320 reais no máximo. A gente sobrevivia com isso, com diárias, com bicho de jogos que a gente ganhava, mas renda mensal que entrava diariamente só tive mesmo quando fui jogar para fora. Aí eu tinha contrato, recebia todo mês certinho, eles me davam passagem aérea, pagavam meu apartamento, pagavam luz, água, me deixavam um carro à disposição, davam um bicho por jogo, mas aqui dentro do Brasil nunca tive salário regular, sempre jogando através de bolsa de estudos, através de uma ajuda de custo, mas salário propriamente dito não.

Maria Thereza Souza: Qual você considera o seu momento de maior sucesso no futebol?

Dayane Rocha: Meu maior sucesso eu acho que foi quando eu tinha 20 anos, que voltei das Olimpíadas, depois fiz mais uns dois anos de seleção, cheguei a disputar o mundial e não esqueço até hoje quando fui jogar um sul-americano no Rio de Janeiro e minha família inteira viajou para me ver jogar e teve um pênalti na final. Era nós e Argentina na final e o jogo estava zero a zero. A batidora oficial era eu. Foi um momento da minha vida que me marcou demais porque, você vê, uma menina que com 19 anos praticamente, tendo uma responsabilidade dessa, ainda mais vendo minha família atrás do gol. Eu nunca tremi tanto na minha vida para arrumar uma bola e para bater um pênalti. Naquele momento, é incrível como você não consegue pensar em nada sabe, o estádio cheio, lotado e aquele momento que você põe a mão na cintura para respirar é um momento que na verdade você tenta colocar tua cabeça de novo ali no jogo, porque você não consegue saber o que está acontecendo, é um momento que foge tudo da tua cabeça. E o momento que ele [árbitro] apita e que você tem que correr para bola, é um momento de tomada de decisão e naquela decisão, naquele momento eu resolvi chutar a bola no meio e a goleira caiu e eu fiz o gol, mas se você me pergunta: “você quis chutar no meio?” Não sei o que eu quis fazer, porque naquele momento não passa nada na tua cabeça, é uma pressão tão grande. Hoje em dia a gente vê os jogadores errando pênaltis e você fala: “Pô! Tá perto, né?”, mas na hora a pressão é grande, a hora que você vê que é um ponto decisivo, é complicado de você mexer com as emoções, então eu acho que de uns 19 até uns 23 a 24 anos foi o momento da minha carreira onde eu mais consegui disputar coisas enquanto atleta, enquanto me deixavam feliz e recolhia resultados. Foi onde eu também consegui ter mais títulos eu acho. Então de uns 18 até uns 25, 26, por aí, eu fui bem.

Maria Thereza Souza: Você teve algum empresário durante a sua carreira?

Dayane Rocha: Eu tive na verdade uma empresária quando eu fui para Lyon da França, Roberta Mit, uma brasileira que morava no Canadá, depois disso eu tive uma outra empresária que me ajudou a ir para a França, mas [sinal de aspas] na verdade no futebol feminino a gente não consegue nem chamar de empresário, porque eles ajudam a gente e ganham tão pouco, não é nada extraordinário igual do masculino. Um agente FIFA quando transfere a gente ganha do clube 400 ou 500 euros no máximo, enquanto no masculino nós falamos de milhões, bilhões, trilhões, dependendo do que está sendo vendido. Então eles

fazem um trabalho mais mesmo de companheiros, um trabalho mais social com o feminino, do que podemos chamar de empresário. São pessoa esforçadas que gostam e tentam ajudar o futebol feminino.

Maria Thereza Souza: E com relação as convocações para a seleção brasileira, como acontecia o processo? Você recebia ligações, e-mails?

Dayane Rocha: Então, o processo na verdade assim, o que é difícil é a primeira entrada lá. Porque a tua primeira entrada você tem que passar por uma seletiva dentro da tua região, então eu entrei com 16 anos lá. E depois disso, a cada convocação sua, se você vai mantendo um ritmo bom, um nível elevado, eles vão te convocando. Aí eles te ligam 5 ou 6 dias antes de sair a convocação, perguntam se você não está machucada, perguntam peso, altura, tamanho de roupa, [pausa lembrando] conta bancária, RG para ser emitida a passagem, uma vez que você não esteja lesionada a convocação sai, mas sai com você já sabendo que vai ser chamada. Eles te mandam declaração para você apresentar em escola, faculdade, este tipo de coisa; pagam a passagem para você ir e lá dentro você não tem gasto nenhum, tem uma vida de rainha, tendo do bom e melhor para comer, para treinar e para dormir. A gente usa toda a estrutura do masculino, tem uma comissão técnica com todos os componentes possíveis que vocês possam imaginar. Até então, como eu falei para vocês, antigamente a diária de uma mulher lá dentro era de 45 reais, sei que já subiu, parece que hoje está em média de 90 reais, mas pô, 90 reais perto do que o masculino ganha, né? Então assim, a CBF sempre deu do bom e do melhor para gente, então não tem como reclamar a respeito disso. Até porque quando a gente vai para esses campeonatos internacionais, a gente acaba trocando experiências com algumas outras atletas, acaba perguntando como é a seleção e tal, e sabemos que tem seleção aí que não ganha 1 real. Está ali porque gosta, está ali porque quer representar o país. Quanto a CBF, em relação a isso, o que eles oferecem para gente é bem bom, mas se a gente falar a respeito de campeonatos e essas coisas, ainda deixa meio a desejar. Mas em relação a CBF eu acho que eles dão total apoio para gente.

Maria Thereza Souza: Você disse que jogou na França, na Espanha e na Itália, e lá você foi treinada por mulheres?

Dayane Rocha: Não. No Lyon eu tive um treinador fantástico que se chamava Fahí Benzema, hoje em dia ele é treinador do Paris Saint-Germain do feminino, um cara excepcional, que fala três ou quatro línguas, que não precisava nem de intérprete dentro do campo, um cara que posso dizer que era realmente profissional. Na Espanha já tive dois treinadores um pouco de nível mais baixo e na Itália, por mais que eu fiquei mais de 7 anos, o treinador era a parte mais difícil, porque ele era um cara que tinha o dinheiro, mas não entendia da coisa. Então ele tinha que fazer o papel de figurante para se sentir bem e quem tocava o time na verdade era a auxiliar dele, que também fazia o papel de preparadora de goleiras e foi o único contato de mulher que eu tive em relação a comissão técnica. No Lyon a gente está falando de uma estrutura diferente, tínhamos toda uma estrutura do masculino também e estudávamos dentro do clube, tinha reforço escolar, fisioterapia e almoçávamos lá. Era uma estrutura fantástica, mas contato mesmo de dirigente e de treinador a única coisa que eu tive foi na Itália, com essa preparadora de goleiras, porque o resto era tudo masculino.

Maria Thereza Souza: E a comissão técnica da seleção brasileira também, todos homens?

Dayane Rocha: Sempre, todos homens. A gente tinha no máximo ali fisioterapeuta, nutricionista feminina, o resto era tudo masculino. Hoje a seleção sub17 tem uma treinadora, ela estava com a sub15 e com a sub17, daí largou a sub15 e ficou só com a sub17, mas a adulta e a sub20 também quem toca é um homem. A figura feminina em si quase não existe nessas seleções.

Maria Thereza Souza: Você falou um pouco sobre a sua chegada na seleção brasileira, que você foi um pouco rejeitada pelo grupo e no decorrer da sua carreira sempre teve essa cisão entre as mais velhas e as mais novas ou há uma receptividade?

Dayane Rocha: Ah, isso sempre teve, eu lembro na época nós éramos em seis sub-20 que a gente chamava de 1985, então era a Marta, a Cris, eu, a Ana Costa, a Kelly e era a Raquel. Éramos em seis sub20, então cada vez que a gente subia para o grupo adulto, lógico, quando você ameaça uma pessoa que já está aí com seus 35, 36 anos, é lógico que

você vai sofrer uma rejeição. Mas a gente sempre teve o lado psicológico muito bem trabalhado lá dentro, então a gente nunca saiu em conflito, nunca caiu nas picuinhas. A gente sempre soube esperar o nosso tempo, e isso aconteceu naturalmente, muitas foram deixando a seleção e a gente foi entrando, foi ganhando nosso espaço, tanto que hoje daquele tempo lá a gente tem a Formiga e a Andreia Sontag no gol, o resto já parou, já ocupa outros cargos. A gente tem o caso ai da Maicon no Ministério do Esporte, da Emily que hoje é uma treinadora, da Juliana Cabral que hoje consegue fazer uma Mesa Redonda e é professora de uma faculdade que trabalha com o futebol feminino e muitas foram tomando outro rumo, e o processo é natural né, vai saindo uma, vai entrando outra. Eu hoje parei de servir a seleção com 27, hoje já estou com 29, então faz 2 anos que eu nem sei mais o que é seleção, também não me preocupo mais com isso, porque assim, eu enquanto atleta sou muito realizada. Claro, mas se me perguntar: se tiver uma convocação hoje você não vai? Vou, mas talvez por prazer, não por querer aquele resultado de antes. Nossa, antes você chegava lá com 19% de gordura, meu Deus do céu, tinha que correr até a morte pra chegar com 17. Então assim, hoje já não me vejo mais fazendo esse tipo de coisa, hoje já estou mais preocupada com minha parte enquanto professora, nos meus estudos do que com o futebol. Jogo pelo prazer em praticar o esporte, mas...

Maria Thereza Souza: E você mantém contato com as meninas que você jogava?

Dayane Rocha: Mantenho, mantenho. A gente tem grupos no Facebook, a gente vive postando coisas e mandando informações. Porque no futebol feminino a gente já não tem esse apoio né, então às vezes assim, tem brasileiro jogando lá na Noruega e a gente nem sabe, se a pessoa não fala a gente não sabe que ela tá lá, porque não é divulgado Temos brasileiras ai invadindo o mercado coreano agora, se você não divulga a gente não acaba sabendo. Então assim, é legal porque a gente consegue manter esse contato com as pessoas através das redes sociais hoje. Sempre divulgando o futebol, sempre tentando, e é legal também que muitas tentam ajudar uma a outra, levando para os seus clubes, dando um auxílio pra levar, pra fazer teste. Então quanto isso assim nós somos uma classe bem unida, a gente sempre tenta dar a mão uma pra outra, tenta indicar pra clubes, ó: eu não posso, mas tenho uma amiga que se você quiser levar...e é assim, futebol feminino é mais na carência e na oportunidade.

Maria Thereza Souza: E ainda com relação a seleção brasileira: qual foi seu sentimento na primeira vez que você foi convocada pra compor o grupo?

Dayane Rocha: Ah, a primeira vez que eu fui convocada eu tinha 16 anos e na verdade eu nem sabia pra onde eu tava indo. Sempre fui meio desmiolada assim, então, sei lá, só caiu realmente a minha ficha quando eu cheguei lá na Granja e vi toda aquela estrutura né. E depois o peso de você pôr uma camisa né, diferente, você estar representando teu país e as redes sociais também, batem muito nessa tecla, de país, de federação e isso e aquilo. Mas eu acho que eu aprendi o valor, realmente, da seleção lá dentro. Lá dentro a gente estuda, a gente tem palestras, a gente tem psicólogos que trabalham isso com a gente e eu acho que uma menina jovem hoje, ela não sabe o valor que tem, pro país, por estar defendendo uma camisa daquela, uma seleção, acho que só mesmo a maturidade e a idade lá dentro vão te dando a proporção do que é uma seleção

Maria Thereza Souza: E falando um pouco do preconceito, tem muito do estereótipo da mulher que joga futebol. Você sofreu com esse tipo de preconceito?

Dayane Rocha: Olha, eu não sofri porque eu sempre mantive a aparência que eu quis. Eu sempre tive cabelo comprido, eu sempre me vesti bem. Mas assim, eu tenho amigas que sofreram muito preconceito pelo fato de ter o cabelo curto, pelo fato de não se vestir bem, pelo fato de deixar decair a imagem. A gente teve um problema uma vez dentro da seleção, que uma marca de shampoo queria patrocinar a gente. Foram fazer uma contagem e nós éramos em oito de cabelo comprido e praticamente doze eram de cabelo curto. E a marca do shampoo falou: vou patrocinar quem? Vou patrocinar as oito só que tem cabelo comprido? “A tá, porque as que tem cabelo curto não lavam o cabelo?” Ai a gente entendeu que era mais preconceito, porque menina tinha cabelo curto, entendeu? Mas assim, eu na minha vida nunca tive problemas assim em relação a isso. É claro, às vezes, a gente vai jogar com público masculino, a gente acaba escutando algumas coisas do tipo: “ah, chuta mais forte que home, ô da mais bordoadada que meu irmão”. Porque o homem não quer perder pra mulher e a mulher jamais vai querer perder pra homem, então acaba entrando nessa rixa, mas assim, preconceito com relação a isso assim, não

Maria Thereza Souza: E algum tipo de pressão, por exemplo, pra meninas de cabelo curto se adequarem aos padrões femininos?

Dayane Rocha: É, isso é uma coisa assim que foi feito um trabalho lá dentro depois sabe. Um trabalho que a gente fez em 2004 para as Olimpíadas. Foi um trabalho assim como que eu posso te falar? Foi um trabalho bem recheado, porque, porque a gente tinha trabalho com ginecologista, a gente menstruava todas no mesmo dia e paravam todas no mesmo dia, porque isso era uma coisa que afetava muito a seleção, então assim, o René Simões falou: eu não tenho como ficar trancafiado num lugar com 24 meninas, que cada uma menstrua num dia. Então a gente fez um trabalho com o ginecologista, a gente tomava injeção, aí as meninas menstruavam todas no mesmo dia, nesses dias os treinos eram mais light, procuravam dar folga pra gente, porque eram três dias realmente estressantes. A gente fez trabalho com nutricionista, a gente teve acho que umas dez nutricionistas no grupo, cada uma pegou 3 atletas. Psicólogos também, a gente teve trabalho com 2, 3 psicólogos, daí a gente teve trabalho com dentistas também porque muitas, os dentes, ou faltavam ou eram horríveis. Tivemos trabalho com cabelereiras também, aonde ou colocavam rastafári, ou faziam trancinhas ou pintavam, tivemos trabalho com manicure, com pedólogos. Então assim, foi um trabalho bem diferenciado, que posso te dizer que foi um trabalho que deu um avanço assim dentro da seleção sabe. Hoje já nas seletivas, quando eles vêm ver a seletiva, eles já falam: ó, deixa o cabelo crescer, vamos cuidar mais da aparência e isso é um trabalho que já vem sendo feito dentro da seleção, porque, querendo ou não, a imagem, não só no futebol, acho que a imagem é tudo. Pra vida, ela é tua aparência, é o que você é, se você chega num lugar aí, fumando, bebendo, cabelo curto, tatuagem na cara, isso, isso e outro...é uma coisa que denigre sua imagem. Então assim, lá dentro da CBF eles estão fazendo já esse trabalho pra que a imagem da seleção venha um pouco mais forte. Porque a gente perde para os outros países em relação a imagem. A gente tem umas alemãs, a gente tem as americanas, as suecas, que a que mais tem cabelo curto tem no ombro, então assim, não que o cabelo curto seja um problema, mas muitas jogadoras não estão nem aí pra nada, e acham que a culpa é do futebol, mas é o contrário. Então, aqui em Curitiba eu não consigo muito ver esse tipo de trabalho, porque eu só jogo em Colombo né, como eu te falei, no futsal. Mas lá dentro da nossa equipe a gente sempre conversa em relação a isso,

porque a gente faz um trabalho meio social também, então a gente às vezes tira algumas meninas de uma área de risco e traz pro nosso time, pra começar a jogar no sub15, sub17. E são meninas que chegam com esses aspectos, com alargador, de boné, querem treinar de boné, chegam de cabelo curto, então durante o ano assim, a gente vai tentando ganhar elas, fazer com que deixem o cabelo crescer, que não usem mais esse tipo de coisa, mas é um trabalho bem longo.

Maria Thereza Souza: E, ainda sobre essa questão, em relação aos uniformes, houve uma evolução né do tamanho dos uniformes, do modelo.

Dayane Rocha: É, dentro da seleção nosso uniforme sempre foi adaptado pra nós né, mas claro, dentro dos clubes aí a gente sabe que não é a realidade né. Por exemplo assim, aonde tem o clube masculino e traz o feminino, a moldagem é toda do masculino então claro, o uniforme menor pra gente é o P e sabe que fica grande né. Mas aonde eu jogo, como é a gente mesmo que paga pelo material, então a gente procura fazer já no tamanho adequado. Ó, eu uso G, aquela ali usa M, a gente procura sempre fazer a moldagem do feminino né, porque a gente não precisa jogar com uniforme enorme, uniformes largados. Acho que dá pra fazer essa adaptação sempre.

Maria Thereza Souza: Sabe-se que você está disputando campeonatos de futsal agora pela equipe de Colombo. Qual a tua motivação pra continuar, mesmo depois de sua longa trajetória, jogar agora, sem remuneração, eu acredito. Qual a sua motivação?

Dayane Rocha: Assim, eu não tenho remuneração nenhuma em Colombo mesmo. Hoje também não possuo mais bolsas de estudo por faculdade nenhuma, não possuo patrocínios. Assim, a minha maior força de vontade mesmo é ver os resultados sabe, porque eu sou uma atleta muito empenhada. Então assim, fui vice artilheira do paranaense de um time que foi o antepenúltimo colocado, então algo de mais eu fiz. Eu vou fazer 30 anos já esse ano e nunca deixei de me cuidar, nunca deixei de fazer academia, nunca deixei de ter minha vida a parte, mas assim, a minha maior...o que me faz sair de casa pra ir num treino sem ganhar nada, pra mim sair de casa pra ir viajar, é mesmo a paixão que eu tenho pelo esporte assim, e os meus resultados assim que você colhe durante o ano. Eu não digo que

eu deixei a minha vida lá fora, que eu parei, que eu não tenho mais entusiasmo pra ir pra lá, eu acredito que até o final do ano eu devo querer um algo a mais, e voltar pra lá. Mas foi que nem eu falei, eu quero voltar pra jogar um futebol lá fora aliando aos estudos, não quero mais deixar os estudos de lado, porque minha vida inteira eu corri atrás do esporte e deixei os estudos de lado. Acho que agora eu tô numa época em que eu consigo levar os dois lado a lado, pra que no futuro eu não sofra né. Porque você não consegue se aposentar hoje sendo uma jogadora de futebol, vou ser o que no futuro, se não der ênfase para os estudos? Então...não digo que vou parar por aqui, eu pretendo ainda voltar, tenho amigas ai que até com 35 estão jogando, estão se cuidando, claro, a gente já não tem a mesma explosão, já não tem a mesma recuperação né, mas da pra jogar ainda até uns 35. Lá fora minha motivação, não adianta, é o dinheiro que cai no bolso, quanto mais você joga mais você ganha, mais resultados você tem, mais dinheiro você tem e mais visibilidade assim no mercado europeu você tem, mas aqui mesmo é paixão pelo esporte só que eu tenho.

Maria Thereza Souza: E a sua relação agora com o time de Colombo, pela carreira que você construiu, pela imagem que você tem, nacionalmente. E a sua relação com a técnica, como você trabalha isso?

Dayane Rocha: Pelo fato assim, eu conheci a Dani, que é minha treinadora, vai fazer um ano né, que estou jogando com ela. E eu sempre fui aquela atleta carrasca de jogar contra ela. Um dia ela falou: eu montava todo um esquema tático e você vinha numa jogada individual e desmontava com meu treino da semana inteira. Mas assim, foi uma pessoa que eu aprendi a respeitar, que eu aprendi a ver os limites e tem um potencial enorme, eu exploro ela sempre, sou a capitã da equipe dela, ajudo assim na parte tática dentro de quadra, porque eu não sou só uma atleta que está ali só pra jogar, eu sou uma atleta que eu faço uma leitura de jogo, eu sou uma atleta que consigo ver que uma ala não tá rendendo, eu deço pra fazer aquela ala e trago uma outra menina pra fazer o meu lugar. Eu jogo nas quatro posições, se precisar eu faço até o goleiro linha. Então assim, eu sou muito versátil dentro da equipe dela e sou uma capitã que to do lado dela, porque geralmente o que acontece, as capitãs ficam do lado grupo, isso e aquilo. Então, pelo fato de o nosso grupo ser muito novo, eu tomei essa postura. Eu sou sempre a favor da treinadora, procuro ver o que o grupo ta precisando, transfiro pra ela e a gente sempre tenta resolver da melhor

maneira. É também uma profissional de grande qualidade, faz trabalho voluntário também no futebol feminino, às vezes tira do próprio bolso pra que o time ande e acredito que são pessoas desse tipo que o futebol feminino precisa. Pessoas que vão lá, tirem a menina do risco, a menina que tá passando mal. Por exemplo assim, hoje nós temos meninas ai no grupo, perdendo o pai há meses e ela tá tentando recuperar, nós temos meninas que tavam na vida da bandidagem e ela tá tentando recuperar, então assim, sempre tentando levar o que, através do estudo e unindo com o esporte. E são meninas assim que se espelham bastante em mim e eu nunca deixei de corresponder elas, chego no treino e trato todo mundo igual, brinco com todo mundo igual, se tiver que chamar atenção delas, porque são adultas ou juvenis eu vou chamar do mesmo jeito. Então assim, é um grupo que se espelha bastante em mim e eu sou aquela pessoa do lado mais forte da minha treinadora, nunca vou deixar ela na mão por nada assim, não é do meu perfil deixar, se eu falar que vou fazer até o final, eu vou fazer e isso fez com que a gente tivesse uma amizade muito grande né, e também a idade né, eu vou fazer 30 e a Dani tem 33. Então a questão da idade também facilita muito nossa aproximação, conversa, porque, às vezes as meninas mais jovens tem receio de conversar alguma coisa com ela, mas vem conversar comigo, então isso acaba facilitando assim o nosso dia-a-dia né.

Maria Thereza Souza: Se você pudesse mudar alguma coisa na sua carreira, você mudaria?

Dayane Rocha: Se eu pudesse mudar, eu talvez mudaria e teria insistido mais um pouco na Europa sabe, antes de voltar, mas eu também não sei se renderia tudo aquilo que eu rendi minha vida inteira lá, então, talvez eu mudaria esse pedacinho ai, que eu fraquejei e voltei e teria deixado os estudos mais pro final, mas agora que eu já to embalada nos dois, vou continuar assim até o final.

Maria Thereza Souza: E com relação, agora você atua como professora né. Você consegue ter a mesma realização como professora que você tinha como atleta?

Dayane Rocha: Olha, eu enquanto professora, eu na verdade trabalho com rendimento em uma escola particular né, de manhã eu sou professora em sala de aula norma, e a tarde eu

trabalho com esportes de rendimento, eu não quis me limitar só ao futsal, porque é uma coisa que eu estava meio saturada. Então hoje eu sou professora de handebol, futsal e tênis de mesa. Então assim, em relação ao handebol, é um esporte que eu estudo bastante, eu não sei tudo, assim como eu não sei do futsal. Então eu procuro dar experiência para os meus alunos que eu já tive e eu sei que são legais e, por exemplo assim, eu trabalho em uma escola eu Araucária, então pra você fazer os alunos sair de Araucária pra vir disputar um campeonato em Curitiba, é um feriado pra eles. Eles falam: nossa, e gente vai jogar lá em Curitiba! Como se Araucária e Curitiba fosse longe né. Mas assim, pra eles você vê que é uma experiência nova, uma experiência única que eles estão tendo e até mesmo no futsal assim, por trabalhar em escola pública eu faço com que todos participem e não to em busca do resultado. Eu tento fazer que aquele menino tenha chance de fazer um gol, tento fazer que aquele menino tenha chance de jogar, não discrimino ninguém, todo mundo tá entre os doze, vai pro jogo, vai jogar, nem que eu tenha que fazer 15 mudanças por vez no jogo, vai jogar. E no handebol eu trabalho da mesma forma, então assim, às vezes, eu como atleta sou muito exigente comigo mesmo e quero sempre ganhar, já como professora eu não sou assim, porque eu trabalho numa outra realidade e quero dar essa experiência pra todos eles, então a última coisa que eu procuro no esporte de rendimento hoje é o resultado, procuro dar oportunidade pra todos na verdade, enquanto professora.

Maria Thereza Souza: E como você enxerga a sequência do futebol feminino no Brasil?

Dayane Rocha: Olha, é, assim, fiquei feliz que esse ano a gente teve alguns clubes de camisa montando time, um exemplo deles é o São Paulo né, fiquei muito feliz também de ver na frente da camisa do São Paulo aqui na frente o patrocínio da CAPES né, patrocinador de projetos ai e também vi uma reportagem ontem que o São Paulo conseguiu um patrocínio de 150 milhões pra tocar o futebol feminino. Então assim, fico feliz que alguns clubes consigam dar uma grande passada pra frente, mas também é triste ver que outros fecham as portas né, igual no futsal feminino esse ano, teremos oito equipes disputando o paranaense porque, porque foi mudado a forma de disputa, de uma forma que fique mais barato pra todo mundo, pra que todo mundo consiga jogar, se não nós iríamos ter um paranaense igual o ano passado, de seis equipes. O futebol de campo não tem campeonato por causa disso, porque o paranaense é feito de ida e volta, então pensa, você

pega um time, que é realidade né, de Curitiba pra jogar contra Foz de Iguaçu, faz doze horas pra ir, doze horas pra voltar. Olha quanto você gasta pra ir, olha quanto você gasta pra voltar e tem mais taxa de arbitragem, então assim, acredito que em alguns aspectos o futebol anda pra frente e em outro eles voltam pra trás. A seleção permanente foi um passo gigantesco que eles deram, mas daí você vê uma seleção de categoria de base que não consegue ganhar mais nada, uma sub20 não chega nem em uma final de mundial, sul-americano pra nós dentro da seleção enquanto atleta é obrigação. A gente escuta isso cada vez que vai pra um sul-americano: ó, sul-americano não é título, é obrigação. Então aí, você acaba se questionando né, pô uma seleção 15, 17, 20 não consegue nem ganhar mais um torneio, masculino ainda chega ali no 17, no 20, mas também na tá beliscando nem mais um título, chega mas não convence. Daí você vê um adulto né, que na copa foi mal, tá se reestruturando agora, tá tendo um novo trabalho né, mas igual o feminino, faz tempo que a gente não consegue chegar mais e semifinal e final nenhuma, então aí você para pra pensar e: onde tá o erro? Porque que só o nosso país não anda? Que nem eu te falei, a gente não tem uma sequência de jogadoras que vem pra ocupar vaga uma da outra, não é igual no masculino, que sai o Neymar e já tão criando outro aí...feminino a gente não tem isso [expressões e gestos de pesar]. Então ao mesmo tempo em que a gente avança em alguns aspectos a gente cai em outro né. Você vê aí o Ministério do Esporte liberando bolsas no futsal, bolsa atleta né. Liberou no futsal, liberou no sintético, liberou no futebol de campo, você fala: nossa, tá evoluindo o Ministério do Esporte, tá liberando bolsas para os atletas né, na faculdade, escola e faculdade...mas ao mesmo tempo você fala: nossa, mas e os resultados? Daí chega uma hora que quem tá dando, dando, dando e não recebe, acaba fechando as portas né.

Maria Thereza Souza: Com relação ao Novo Mundo Futebol Clube, como você viu a sua decadência?

Dayane Rocha: É, na verdade o Novo Mundo, a gente teve uma série de sequência de títulos do Paranaense, jogamos Copa do Brasil, enchemos um Couto Pereira aqui uma vez contra o Santos. Mas se você me perguntar hoje se aquele jogo contra o Santos rendeu frutos [negação com a cabeça]... sei que o presidente pagou os ingressos, pagou o aluguel do campo, pagou a arbitragem e deu 200 reais por cabeça, por jogadora, que foi o que

sobrou, então você veja, em um jogo daquele porte, daquele tamanho, nem ali a gente conseguiu tirar dinheiro. Então, foi uma parte assim que o presidente, realmente, só tirou do bolso, claro, enquanto tava ganhando, enquanto tava conseguindo tirar do bolso tudo bem, o problema é a hora que não conseguiu mais né. Foi que nem eu te falei, as viagens do paranaense são caras, você tem que manter pelo menos 18 atletas no grupo e é aonde fica pesado e chegou uma hora que ele falou: olha, se eu começar a tirar dinheiro do bolso agora vou ter que vender casa, carro, então, vamos parar por aqui, pelo menos a gente para no auge. Hoje o Novo Mundo de vez em quando monta um time pra jogar um campeonatinho que tem aqui em Curitiba, mas é bem restrito. Não tem mais aquela alegria que tinha antes em disputar o paranaense, em disputar Copa do Brasil. Hoje aqui mesmo dentro do Paraná, só mesmo o Foz do Iguaçu tá tocando o projeto pra frente e ainda perdeu muita verba né, porque era um projeto ai que tinha 200 mil anuais, 150 mil anuais, alguma coisa assim, mas acabou perdendo verba também, porque a Itaipu enfraqueceu né, mas tá lá né, anda, anda de um jeito mais lento, mas ainda continua com o projeto.

Maria Thereza Souza: Pra finalizar, você gostaria de deixar uma mensagem para as meninas que sonham atingir um nível que você chegou?

Dayane Rocha: Olha, o que que eu vejo no futebol feminino hoje: atletas muito acomodadas né, achando que tudo vai cair do céu e infelizmente aqui no Brasil não é assim, ou você corre atrás ou você nunca vai conseguir realizar teus sonhos, então eu digo pra essas atletas que querem um dia jogar onde eu joguei, ser o que eu fui né e sou ainda que corra atrás dos seus objetivos, não espere nada cair do céu, porque nada cai do céu aqui no Brasil, se ficar sentada vai continuar sentada, então se você quiser alguma coisa, levanta e vá a luta, porque aqui no Brasil as coisas não são fáceis quando a gente fala de futebol feminino...e aquelas pessoas que abriram uma porta, que continuam abrindo a porta pro futebol feminino que deem sempre mais uma chance pro futebol feminino, por ser um esporte carente, que a gente nunca tem patrocínio, não tem apoio, mas é isso.

Maria Thereza Souza: Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]